

wookacontece

Gratuita
Bianual
Outubro 2023
Número 10



Entrevistas exclusivas
Camilla Läckberg
Tahereh Mafi

Rentrée literária
Wook
vamos ler

Wook se escreve
na Irlanda



A MINHA BIBLIOTECA
À DISTÂNCIA DE UM CLIQUE.



EBOOKS E AUDIOLIVROS

A QUALQUER MOMENTO. EM QUALQUER LUGAR.



22 Entrevista Camilla Läckberg

2 Wook vamos ler...
na **Rentrée Literária**

28 Entrevista
Tahereh Mafi

10 Wook se escreve
na **Irlanda**

32 **Autores Malditos**

14 O Regresso das
Fronteiras

36 5 livros para descobrir
onde está a rapariga

16 **Sopa de Livros**

38 Crónica
**Literatura, esse
animal a chafurdar**

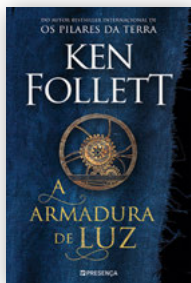
18 Qualidade de Vida,
Alta Performance
e Descoberta de Si

Wook vamos ler na

Rentrée Literária

Esperamos que tenha aproveitado as férias para arrumar as estantes e arranjar espaço para todas as novidades que aí vêm! Os próximos meses trazem regressos muito aguardados, estreias impressionantes e livros para todos os gostos.

Literatura



A Armadura de Luz

Ken Follett

Corre o ano de 1732, com a Revolução no ar, um governo tirânico no poder e a ameaça de um conflito internacional. Enquanto isso, um pequeno grupo de habitantes de Kingsbridge tenta resistir à modernização desenfreada que destrói empregos e famílias, enquanto combate pela liberdade. Um regresso ao universo de **Os Pilares da Terra**, numa história épica que confirma Ken Follett como um dos maiores contadores de histórias do nosso tempo.



As Sete Luas de Maali Almeida

Shenan Karunatilaka

Romance vencedor do Booker Prize em 2022, *As Sete Luas de Maali Almeida* é uma história original narrada a partir de um ponto de vista incomum. Num cenário de guerra civil, Maali Almeida – fotógrafo de guerra, jogador e homossexual não assumido – acordou morto. Agora tem apenas sete luas para desvendar o mistério da sua própria morte e contactar a mulher e o homem da sua vida, conduzindo-os até às fofos que irão abalar o país.



O Nome que a Cidade Escondeu

João Tordo

Natasha, oriunda de um país do antigo bloco soviético, dilacerado por uma guerra civil, parte para Nova Iorque na condição de refugiada. Na frenética e perigosa *Big Apple* dos anos 90, arranja um emprego insólito: ler todas as entradas da lista telefónica da cidade a George B., um homem solitário, que não sai do apartamento há anos. Depois do *thriller* e do ensaio, João Tordo regressa ao romance com uma história que promete surpreender os leitores.



Baumgartner

Paul Auster

A vida de Baumgartner foi definida pelo seu amor pela mulher Anna, que perdeu tragicamente num acidente. Ao longo de quarenta anos, mantiveram uma relação apaixonada, mas serão as suas memórias coincidentes com as de Anna? Seis anos após o último romance, Paul Auster traz-nos uma história sobre a beleza e a tragédia da vida quotidiana e os momentos que compõem a nossa história.



As Cinco Mães de Serafim

Rodrigo Guedes de Carvalho

O maestro Miguel Serafim aguarda o reencontro com um amigo de adolescência que não vê há décadas. Abraçam-se, emocionados. Têm de preparar a celebração de um aniversário muito especial. E assim começamos a percorrer uma história que se estende por um século. Há paixões, fé e mentiras, numa galeria de personagens inesquecíveis. Juras e traições. Segredos tão fundos e inconfessáveis que nos fazem regressar constantemente à pergunta: o que é uma família?



A Porta Trancada

Freida McFadden

O novo livro da autora de **A Criada** e **O Segredo da Criada**. Uma cirurgia de sucesso tem um passado obscuro: Nora é filha de um assassino em série preso há várias décadas. Quando uma das suas pacientes é assassinada da mesma forma única que o pai dela costumava usar para matar as suas vítimas, torna-se claro que alguém quer que Nora se torna suspeita deste crime, mas ela não é como o pai. A polícia não a pode acusar nada. A menos que procurem na sua cave...



Millennium VI – A Rapariga Nas Garras da Águia

Karin Smirhoff

Depois de David Lagercrantz, a saga **Millennium**, iniciada por Stieg Larsson, ganha uma nova continuação pela mão da autora sueca Karin Smirhoff. Lisbeth Salander e Mikael Blomkvist estão de volta numa sequência arrepiante que tem como pano de fundo um mundo de conspiração e traição, com velhos inimigos e novos amigos, florestas cobertas de neve e ganância empresarial.



Coisas que Escondemos dos Outros

Lucy Score

Nash Morgan, o sorridente chefe de polícia de Knockemout, tenta recuperar de um tiroteio que o deixou com ataques de pânico e pesadelos constantes, mas não quer que ninguém saiba que está com problemas. Só que Lina, a sua nova vizinha, consegue ver além do óbvio. A ligação entre os dois é inegável, mas ela também tem segredos, e se Nash descobrir o que a trouxe à cidade, nunca lhe perdoará...



Fogo Selvagem: Wildfire

Hannah Grace

Depois de uma noite juntos, Aurora e Russ julgavam que nunca mais se iriam cruzar. Até que se veem frente a frente no primeiro dia do acampamento de verão da universidade, onde ambos serão monitores. Com regras apertadas que impedem o "convívio" entre funcionários, conseguirão resistir um ao outro? Depois de **Icebreaker**, Hannah Grace regressa a Maple Hills com mais um romance que promete aquecer os dias frios de outono.



Está Tudo Bem, a Sério

Monica Heisey

Aos 29 anos, Maggie está determinada a abraçar o seu novo estatuto de Divorciada Surpreendentemente Jovem™. O seu casamento durou apenas 608 dias, está sozinha pela primeira vez na vida, não consegue pagar a renda e o seu doutoramento está encalhado há meses, mas isso não a vai impedir de mergulhar no mundo dos encontros e das redes sociais. Um romance que aborda com humor as incertezas do amor moderno, a amizade e os ideais de felicidade.



Vem ter Comigo ao Lago

Carley Fortune

Tal como **Cada Verão Passado**, o livro anterior da autora, **Vem Ter Comigo ao Lago** é uma história que decorre entre o passado e o presente. Fern e Will partilharam um dia inesquecível e prometeram reencontrar-se um ano depois. Ela compareceu ao encontro. Ele não. Agora, nove anos depois, Will está de volta para lhe oferecer ajuda, mas parece estar a esconder qualquer coisa. Conseguirá Fern voltar a confiar?



Nunca Jamais

Colleen Hoover e Tarryn Fisher

Esquecer é terrível, mas recordar pode ser bem pior... Charlie e Silas estão apaixonados desde os 14 anos, mas um dia acordam, e todas as memórias que têm um do outro desapareceram. Juntos, procuram respostas sobre o que aconteceu, enquanto descobrem mais acerca do casal que eram. Um romance repleto de mistério e reviravoltas inesperadas!



O Mercador de Sonhos

Sveva Casati Modignani

Raimondo Clementi, um lendário presidente da Bolsa, sobrevive a um atentado. À medida que Clementi revela a uma jovem e ambiciosa jornalista mais sobre a sua vida, torna-se claro que a carreira deste mercador de sonhos escreveu um pedaço da História italiana, mas também que a sua vida privada foi uma sucessão de paixões deslumbrantes e dramas indescritíveis. Esta é a história de um homem que teve a coragem de viver a vida ao máximo.



Rei da Ira (capa excl. Wook)

Ana Huang

Vivian é a filha perfeita: elegante e ambiciosa, ela é o bilhete de entrada da família na alta sociedade. Dante é um implacável CEO: obcecado pelo controlo, arrogante, impiedoso. Nenhum deseja um casamento de conveniência, mas ambos são forçados a aceitar o acordo. O pior que podia acontecer? Apaixonarem-se... O novo livro da autora de **Twisted Love** é o primeiro de uma série baseada nos sete pecados capitais.



Casa de Céu e Sopro

Sarah J. Maas

Bryce e Hunt conseguiram salvar a Cidade da Lua Crescente. No entanto, o perigo é iminente. Arrastados para um movimento rebelde a que não se querem associar, Bryce, Hunt e os seus amigos são forçados a enfrentar os sinistros asteri e dão por si perante um dilema: não se envolverem, enquanto veem inocentes serem oprimidos, ou lutarem por um mundo melhor. A escolha é óbvia. A aguardada sequência de **Casa de Terra e Sangue**.

Não ficção



A Mais Breve História da Ucrânia

José Milhazes com Vladimir Dolin
Depois do *bestseller A Mais Breve História da Rússia*, José Milhazes regressa com um livro apaixonante, atual e necessário. Em *A Mais Breve História da Ucrânia*, dá a conhecer um povo que todos os dias nos entra em casa por causa da invasão russa, e que queremos conhecer melhor. Que povo é este que resiste sempre à mortandade, ruína e perda? Em que acredita e o que ambiciona? Quais os seus santos e heróis?



O Mensageiro das Estrelas

Neil deGrasse Tyson
Num momento em que o debate político e cultural está mais polarizado que nunca, Neil deGrasse Tyson mostra-nos como aquilo que sabemos sobre as estrelas e os planetas nos pode ajudar a refletir sobre as questões mais polémicas dos nossos dias. O autor aborda temas fraturantes da atualidade numa perspetiva cósmica, tendo como base o pensamento científico e a racionalidade.



Coreia: Uma breve História do Norte e do Sul

Victor Cha e Ramon Pacheco Pardo
Apesar de uma longa e fascinante História, a Coreia não conseguiu evitar a sua divisão em dois territórios totalmente contrastantes: a Coreia do Sul é, hoje, uma vibrante democracia, com um nível tecnológico e cultural admirado globalmente; a Coreia do Norte, por seu turno, é o regime mais autoritário e fechado do mundo, sob a liderança opressora da família Kim. Que circunstâncias podem levar a que um mesmo povo viva em condições tão distintas?



Ganhar Dinheiro

Pedro Andersson
O famoso autor do *Contas-Poupança* regressa com um livro que lhe vai ensinar como gerar riqueza, mesmo ganhando o salário mínimo. Através de uma linguagem simples e acessível para todos, Pedro Andersson explica-lhe, utilizando o Método dos Cinco Passos, o que deve fazer para ganhar dinheiro e garantir um futuro melhor para si e para os seus.

Para cuidar de si



O Despertar da Consciência

Maria Gorjão Henriques
Fundadora da Consciência Sistémica em Portugal, Maria Gorjão Henriques convida-nos a reconhecer que fazemos parte de um clã familiar e que, de forma inconsciente, repetimos padrões familiares. Esta é uma leitura que traz libertação e a oportunidade de seguirmos um novo caminho ao encontro da nossa verdadeira essência, trazendo mais clareza e novos horizontes. Uma viagem de compreensão e aceitação.



O Poder de Conquistar e Influenciar Pessoas

Alexandre Monteiro
O autor *bestseller* de *Torne-se um Decifrador de Pessoas* avisa: se quer influenciar e conquistar pessoas, saiba que isso depende pouco da sua competência e conhecimento, e muito da sua capacidade de comunicar e persuadir. Domine ferramentas poderosas, como as suas habilidades sociais, que o vão ajudar a manter um diálogo proativo e a desenvolver todo o seu carisma.



As Cinco Carências

Lise Bourbeau

Este livro de Lise Bourbeau, uma das autoras de maior sucesso no campo do desenvolvimento pessoal, é dedicado às relações entre pais e filhos, concretamente sobre como criar um futuro mais harmonioso com as gerações vindouras e como sarar as feridas com as gerações anteriores. O afeto, o prazer, o respeito, a comunicação e a segurança são as ferramentas para um caminho de cura que o leva a viver com alegria e leveza.



Alergias – Comer Sem Medos

Sofia Carvalho e Mariana Couto

O nascimento do filho mais novo de Sofia Carvalho, e a descoberta de que era alérgico à proteína do leite de vaca e à soja, levou-a a repensar o tipo de alimentação que praticavam em casa. Contando com a colaboração da Dr.ª Mariana Couto, especialista em imun alergologia, Sofia criou um livro de receitas saudáveis e saborosas, a pensar em todas as pessoas que sofrem de alergias e intolerância alimentares.

Para os mais novos



Tu és Brilhante!

Pedro Vieira e Mikaela Öven

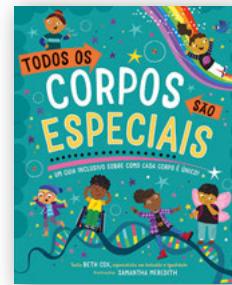
Dos autores Pedro Vieira e Mikaela Öven, especialistas em parentalidade consciente, este é um livro para as crianças aprenderem de forma subtil a aumentar a autoestima, a coragem e a confiança, enquanto aprendem sobre empatia e comunicação. São 12 histórias com meninos e meninas com os quais todos nos podemos identificar. Cada história é acompanhada de pontos de reflexão para os miúdos, pais e educadores.



O Rapaz do Espaço

David Walliams

Uma história hilariante, carregada de ação e para leitores de todos os sistemas solares é o que nos promete David Walliams em **O Rapaz do Espaço**. Ruth adora trepar às árvores e atirar pedras, mas do que ela mais gosta mesmo é do espaço. Um dia, um disco voador aterra no meio do milho do seu quintal. Que aventuras a esperam? Poderá uma amizade ser do tamanho do Universo? O céu é o limite!



Todos os Corpos São Especiais

Beth Cox

Partindo de bases científicas, este é um guia sobre inclusão, unicidade e diferença. Escrito por Beth Cox, especialista em inclusão e igualdade, e com aconselhamento de Deborah Mackay, professora de Medicina Epigenética, este livro vai ajudar as crianças a compreenderem que ser diferente é natural. As ilustrações divertidas e exemplificativas ajudam a uma maior compreensão, para desmistificar preconceitos.



Livro de Cozinha Oficial Harry Potter

Joanna Farrow

Vamos criar mais receitas deliciosas e mágicas, inspiradas no mundo dos feiticeiros? Ao longo do livro, explore o universo do Harry Potter, com mais de 40 receitas, doces e salgadas, dignas de um banquete de Hogwarts! Encontre o Guisado Enorme e Substantial de Hagrid, os Quadrados Louros de Draco Malfoy, uma Delícia de Rinho de Troll, e muito mais. Deixe a magia entrar na sua cozinha!

Rentrée

Literária

em Inglês



Check & Mate

Ali Hazelwood

Quem diria que o xadrez pode ser romântico? Nas mãos de Ali Hazelwood, a autora da sensação do BookTok *The Love Hypothesis*, é possível! No seu novo romance, o primeiro *young adult* da escritora, Mallory é um gênio do xadrez que desiste da modalidade. Mas, no último torneio em que participa, derrota inesperadamente o campeão mundial (e um verdadeiro *bad boy*): o famoso Nolan 'Kingkiller' Sawyer. Esta vitória abre-lhe a porta para outras competições que lhe podem trazer o dinheiro de que tanto precisa para ajudar a família. Mas Mallory depressa percebe que os jogos não acontecem apenas no tabuleiro de xadrez e que a competição pode ser muito sedutora...



The Brothers Hawthorne

Jennifer Lynn Barnes

The Brothers Hawthorne leva-nos de volta para o universo da série *The Inheritance Games*.

Neste novo livro, os protagonistas são Grayson e Jameson: enquanto o primeiro foi educado para pôr a família em primeiro lugar, o segundo é viciado em adrenalina e experiências-limite.

Assim, quando Grayson descobre que as suas meias-irmãs estão em apuros, faz aquilo a que está habituado: resolve a situação de forma eficaz, impiedosa e sem se envolver a nível emocional.

Já Jameson é desafiado pelo seu misterioso pai a infiltrar-se no clube de jogo mais exclusivo de Londres e vencer uma partida que parece impossível.

Em lados opostos do globo, os dois terão de decidir o que estão dispostos a sacrificar para vencer. E não há nada mais Hawthorne do que vencer...

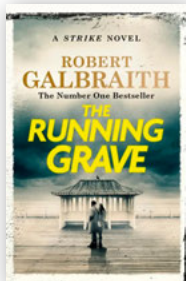


Betting on You

Lynn Painter

Na nova comédia romântica da autora de *Better than the Movies*, os protagonistas são Bailey e Charlie, dois adolescentes que trabalham juntos no parque aquático de um hotel. Apesar de serem muito diferentes, divertem-se a comentar a vida amorosa dos colegas. E enquanto Charlie insiste que pessoas do sexo oposto não podem ser "apenas" amigos, Bailey está de tal forma determinada a provar o contrário, que faz uma aposta com ele. O que não imagina é que Charlie tem um segredo, em que a própria Bailey está (sem saber) envolvida, e que está relacionado com outra aposta...

Será que com uma boa dose de *fake-dating* pelo meio os dois passarão de amigos a algo mais? Ou terá o segredo de Charlie condenado a sua relação antes de poderem sequer começar?



The Running Grave

Robert Galbraith

No mais recente livro desta série policial que a autora de *Harry Potter* criou com o pseudônimo Robert Galbraith, o detetive particular Cormoran Strike é contratado por um pai desesperado: o seu filho, Will, juntou-se a um culto religioso, a Universal Humanitarian Church. Localizada na zona mais isolada de Norfolk, esta organização parece à partida inofensiva. Afinal de contas, o seu lema é lutar por um mundo melhor. Mas, com a ajuda da sua sócia, Robin Ellacott, que se infiltra na seita, Strike depressa descobre que por trás desta fachada inócua se esconde algo bastante sinistro, incluindo mortes inexplicáveis, o que deixa Robin completamente vulnerável.



Nineteen Steps

Millie Bobby Brown

Baseado na história da família da autora, o romance de estreia da estrela de *Stranger Things* é uma história arrebatadora sobre segredos em tempos de guerra, que nos mostra que o amor pode florescer mesmo nos períodos mais sombrios. Londres, 1942. Nellie, de dezoito anos, vive uma existência tranquila numa pequena comunidade do East End, até que um trágico acidente ocorrido durante um ataque aéreo vem mostrar que ninguém escapa à devastação da guerra. E à medida que a verdade sobre essa noite fatídica vem ao de cima, surgem segredos que ameaçam separar Nellie daqueles que a jovem mais ama.



The Fraud

Zadie Smith

Primeiro romance histórico de Zadie Smith, *The Fraud* é ambientado no final do século XIX. A história gira em torno de Eliza Touchet, a governanta de um famoso romancista, e de Andrew Bogle, que cresceu como escravo na Jamaica. A Sra. Touchet é uma mulher de muitos interesses: literatura, justiça, abolicionismo, etc. Mas é também uma cética: suspeita que o seu patrão não tem, na verdade, qualquer talento; que o célebre amigo deste, Charles Dickens, é no fundo um *bully* moralista; e que a Inglaterra não passa de uma terra de aparências. Enquanto isso, Bogle sabe que cada torrão de açúcar tem um custo humano; que os ricos enganam os pobres; e que as pessoas são mais facilmente manipuladas do que imaginam. Quando este inesperadamente se torna a principal testemunha de um caso de fraude que fascina por completo a Sra. Touchet, sabe que o seu futuro depende de contar a história certa. Mas num mundo de hipocrisia, decidir o que é real pode ser complicado.

Se pudesse escolher,
qual seria a fotografia da sua vida?



Uma história comovente, que nos leva a questionar
o que é realmente importante na vida.

Wook se escreve na Irlanda

Por Vera Dantas

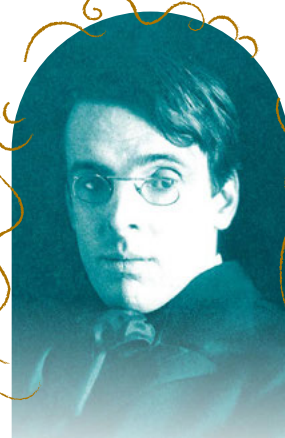
A Irlanda tem uma cultura literária profunda, e orgulha-se dela. Devemos a escritores irlandeses algumas das mais inspiradoras e envolventes obras da literatura. Vejam-se o humor *dandyish* de Oscar Wilde, as formidáveis obras dos gigantes literários James Joyce e Samuel Beckett ou as histórias cruas e realistas de Sally Rooney. Dos intemporais contos clássicos às modernas obras de ficção, deleite-se com wook se escreve na Irlanda.

Durante o fascinante período da Irlanda gaélica, constituída por territórios governados por reis e chefes de clãs, a língua e a cultura irlandesas floresceram. Era o tempo dos **bardos**, poetas líricos que estudavam durante

12 anos para obterem esse tão desejado título. Escreviam em irlandês antigo e difundiam poemas que frequentemente louvavam os seus senhores, preservando as tradições do clã e a memória cultural da nação. Tudo na vida quotidiana era registado oralmente pelos bardos, incluindo a genealogia, curas medicinais, música e História – o que explica que alcançassem um alto estatuto social, quase ao nível dos reis. Essa era chegou ao fim em meados do século **XVII**, como consequência de várias leis impostas pelos britânicos, nos séculos precedentes, para suprimir a língua e a cultura irlandesas.

No despontar da literatura em inglês, escrita por autores irlandeses, **Jonathan Swift** (1667-1745) publica *As Viagens de Gulliver*,

em que ataca a mesquinhez da natureza humana e parodia o estilo literário dos relatos de viagens em voga na época. Entre cenários surpreendentes, Gulliver relata as peripécias das quatro viagens que o levaram a conhecer lugares e seres improváveis, como os pequenos liliputianos, que passam a vida em disputas inúteis, e os gigantes altivos e gananciosos de Brodningnag. Mas eis que, no **século XIX**, os bravos irlandeses reclamam a sua identidade e herança cultural, alimentando um movimento que ficou conhecido como **Renascimento Celta**. O maior representante desta mudança foi **William Butler Yeats** (1865-1939), um dos grandes poetas irlandeses do século XX e o primeiro a ser granjeado com o **Nobel da Literatura**, em **1923**. Inspirando-se nas lendas celtas e no folclore



irlandês, Yeats dotava as suas personagens com dons quase divinos. Foi fundador do Teatro Nacional Irlandês, palco das suas influentes peças dramáticas. Com poesia, contos e ensaios, Yeats dedicou-se a reconstruir o ego e a unidade nacional de um país que tinha vivido um século XIX de grande miséria, contribuindo para trazer para a modernidade o legado da longa tradição literária irlandesa.

Ao lado de Yeats nesta transição esteve um grande amigo seu, o escritor e também dramaturgo **Oscar Wilde** (1854-1900).

Pela sua obra literária – que

incluiu peças teatrais, contos infantis e poesia – e ensaística, mas também devido ao seu estilo *dandy* e à sua inteligência excepcional, Wilde rapidamente se tornou um dos escritores mais



famosos da época. Assumindo-se como esteta, na senda de Baudelaire, valorizava a arte pela arte, como antídoto para os horrores da era industrial, e satirizava, com humor, as convenções sociais e a moral oitocentista. **A Importância de ser Earnest**, uma das suas comédias mais apreciadas, denuncia a hipocrisia em que os valores vitorianos estavam enraizados, ridicularizando a classe alta. O único romance que Wilde escreveu tornou-se um marco. **O Retrato de Dorian Gray**, a história de um homem que permanece eternamente jovem enquanto o seu retrato envelhece e reflete os seus pecados, contém uma análise vívida à beleza, à vaidade e à corrupção moral. Insinuando o desejo de um homem por outro de forma inédita, deu o mote para a literatura gay durante grande parte do século XX. De tal forma que Wilde, já antes acusado de homossexualidade, foi violentamente atacado pela imprensa e enfrentou um processo judicial que o condenaria a dois anos de prisão e de trabalhos forçados. Wilde foi um mestre dos epigramas e paradoxos, usando o seu brilhantismo literário para entreter e provocar o pensamento.

E quem não conhece **Drácula**? O famoso conto de terror gótico é obra do romancista e contista irlandês **Abraham ("Bram") Stoker** (1847-1912), que se inspirou nas lendas de vampiros para criar uma história intensamente arrepiante. A personagem do Conde Drácula tornou-se uma das figuras mais influentes e reconhecíveis de todo um género de literatura, cinema, televisão e até de videojogos.

No crepúsculo novecentista, a Irlanda vê nascer aquele que viria a ser um dos mais reverenciados e influentes escritores do século XX: **James Joyce** (1882-1941).

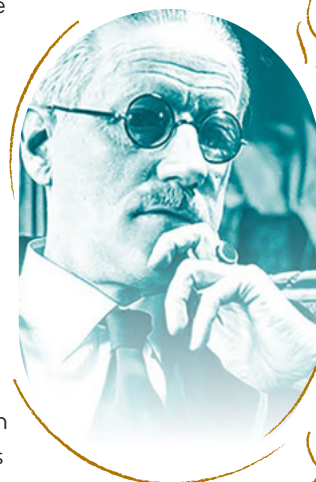
A sua vasta obra, que

abrange romances, contos e poesia, distingue-se pela abordagem inovadora a temas complexos. A coletânea de contos **Dublinenses**, que escreveu entre

os seus 22 e 25 anos, divide-se em histórias que retratam as crianças, os jovens adultos, a vida madura e, ainda, a vida pública da política, da arte e da religião – sendo o 15.º e último conto,

Os Mortos, considerado uma obra-prima mundial. Com **Retrato do Artista Enquanto Jovem**, deixou uma marca indelével no género semiautobiográfico. Centrada no alter ego do escritor, Stephen Dedalus, a narrativa contém passagens surpreendentemente vívidas que ilustram o seu amadurecimento intelectual e espiritual até à adolescência, e critica a influência da Igreja Católica e da política irlandesa na vida familiar e no espírito inquieto de Dedalus, que se insurge contra a rígida disciplina mental dos jesuítas.

A obra mais célebre de Joyce é **Ulisses**, um livro que lhe demorou sete anos a escrever, e que revolucionou a literatura do século XX com o seu estilo modernista único. A ação do romance desenrola-se num único dia, 16 de junho de 1904, em Dublin. As três



personagens centrais, Dedalus (sim, o mesmo), Leopold Bloom e a sua mulher, Molly Bloom, são os equivalentes modernos de Telémaco, Ulisses e Penélope. Joyce revela os pensamentos e sentimentos mais íntimos destas, à medida que vivem uma série de eventos, em vários locais. *Ulisses* é o mais famoso exemplo de utilização da técnica do monólogo interior, em que o escritor tenta captar o fluxo total da consciência das suas personagens, não se limitando a pensamentos racionais. Estendemos agora a passadeira vermelha ao incrível **George Bernard Shaw** (1856-1950).

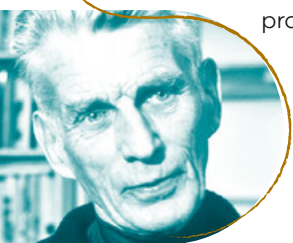


Dramaturgo cómico, crítico literário e propagandista socialista irlandês, Shaw aceitou, relutantemente, o **Prémio Nobel da Literatura** em 1925, atribuído pela sua obra «marcada pelo idealismo e pela humanidade, e pela sua sátira estimulante, frequentemente impregnada de uma beleza

poética singular». O escritor insurgia-se contra o facto de o prémio provir do inventor da dinamite, e acabou por recusar o valor monetário (que hoje em dia equivaleria a meio milhão de euros), doando-o para a tradução, para inglês, das melhores obras da literatura sueca.

G. B. Shaw escreveu mais de 60 peças teatrais, parodiando o melodrama para desenvolver uma comédia intelectual de costumes – o que lhe valeu o epíteto de *Molière do século XX*. A sua peça de maior êxito foi **Pigmalião**, cujo argumento do autor para adaptação ao cinema lhe valeria um **Óscar** em 1939. A peça deu origem a um musical e, mais tarde, ao filme *My Fair Lady*, protagonizado por Audrey Hepburn.

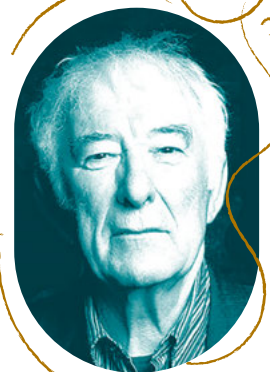
Além de Yeats e Shaw, há ainda um terceiro escritor irlandês ligado às artes cénicas que ganhou o Nobel: **Samuel Beckett** (1906-1989). Dramaturgo, diretor de teatro, romancista e poeta,



Beckett é amplamente reconhecido pela sua abordagem sombria e inovadora, explorando o absurdo e a condição humana. Uma das suas obras mais icónicas é ***À Espera de Godot***, um marco no teatro existencialista. O enredo gira em torno de Vladimir e Estragon, dois homens que esperam pelo enigmático Godot, que nunca chega. Incapazes de se controlarem a si próprios ou às forças externas que agem sobre eles, são confrontados com a tragédia de uma existência aparentemente fútil e sem propósito. Na essência, Beckett era um escritor hábil em encontrar humor no trivial e inútil esforço dos humanos, libertando dessa forma os espectadores, ou leitores, das preocupações que muitas vezes os consomem. Em vez de sombria e deprimente, a sua obra tem um efeito catártico, um objetivo tão antigo como o próprio teatro. Sabe-se agora que a atribuição do **Nobel da Literatura** a Beckett, em 1969, não foi consensual, dada a natureza "negativista ou niilista" da sua escrita não corresponder à intenção, expressa por Alfred Nobel, de premiar, na literatura, a pessoa com «[...] o trabalho mais notável numa direção idealista». O quarto e último escritor irlandês, até hoje, laureado com o **Nobel** (em 1995), foi **Seamus Heaney** (1939-2013).

É o maior poeta irlandês desde Yeats, além de ser o único com lugar garantido nas listas de *bestsellers*.

A poesia de Heaney abrangia poemas de amor, épicos, sobre a memória e o passado, sobre o mundo natural – com uma visão profunda da vida rural irlandesa –, sobre conflitos e lutas civis, encontrando significado no quotidiano ou deleitando-se com as possibilidades da língua inglesa. Heaney foi também um tradutor inigualável de poesia, do grego, latim, italiano, irlandês e escocês. Como católico da Irlanda do



Norte, utilizou a sua obra para refletir sobre os "Troubles", as violentas lutas políticas entre católicos nacionalistas e protestantes unionistas que assolaram o país durante a sua juventude. Igualmente atento à realidade, com uma obra ensaística que o consagrou como um dos grandes intelectuais do século XX, **C. S. Lewis** (1898-1963) notabilizou-se sobretudo na ficção, com **O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa**, o primeiro da série **Crônicas de Nárnia**. Consideradas um clássico mundial da literatura juvenil, repletas de aventura e fantasia, estas crônicas continuam a cativar muitos leitores e também espectadores, com a sua adaptação cinematográfica.



Já com um pé no século XXI, duas escritoras prolíficas guardam um lugar especial no coração dos irlandeses: **Maeve Binchy** (1940-2012) – excelente *storyteller* e autora de romances calorosos passados em pequenas cidades das zonas rurais do país – e **Edna O'Brien** (n. 1930), romancista e dramaturga, autora de **Raparigas de Província**, obra que causou controvérsia e aclamação pela exploração da emancipação feminina.

Entre os contemporâneos, o nome com mais impacto na Irlanda e além dela é **Sally Rooney** (n. 1991). O seu

primeiro romance, **Conversas entre Amigos** (2017), é uma poderosa narrativa de



amadurecimento, contada do ponto de vista de Frances – uma poetisa de 21 anos cuja ex-namorada é a sua melhor amiga. Quando Frances se envolve com um atraente ator casado, as personagens debruçam-se sobre o que querem de si próprias e umas das outras. A narrativa é marcada por uma crueza sentimental desprovida de quase tudo, exceto de desejo. Tal como no livro mais famoso de Rooney, **Pessoas Normais**.

Este intenso romance entre Connell e Marianne situa-se em pleno século XXI, mas capta a essência do grande romance novecentista, tratando os afetos com minúcia. Estes dois *bestsellers* internacionais foram traduzidos para mais de 40 línguas e adaptados a séries televisivas pela BBC. Numa escrita crua e realista, mas em que não falta humor, Rooney cria personagens contemporâneas autênticas e profundas, no limiar da idade adulta, debatendo-se com problemas como a depressão e o abuso. Mostra-nos como a identidade é uma construção delicada e como a felicidade, muitas vezes, está ligada à dependência dos outros.

Não menos realista é a escrita de **Emma Donaghue** (n. 1969). O seu arrepiante **O Quarto**, sobre uma mãe e o seu filho, aprisionados por um raptor numa divisão sem janelas durante anos, mostra a intensidade do amor entre os dois em circunstâncias desumanas. Donaghue lançou depois um romance histórico assombroso, **O Prodígio**, em que mergulha os leitores na mente de uma enfermeira inglesa que viaja para as terras médias da Irlanda para descortinar um caso estranho – uma rapariga que terá sobrevivido durante meses sem comer... Ambos intensos, ambos adaptados ao cinema. Tal como **O Rapaz do Pijama às Riscas**, do premiado escritor **John Boyne** (n. 1971), um retrato efabulado em torno da amizade entre um menino preso num campo de concentração nazi e outro que, do lado de fora, desconhece aquela realidade. No género Young Adult, **Louise O'Neill** (n. 1985) destaca-se com **A Culpa é Minha**, uma história poderosa sobre os efeitos devastadores do abuso sexual e da humilhação. A autora escreve sobre questões difíceis envolvendo o público jovem sem ser paternalista, conseguindo assim transcender as categorizações etárias.

Na Irlanda, durante mais de mil anos, o poder de uma grande tradição literária sobrepôs-se a todas as outras forças. A veia literária dos irlandeses mantém-se viva e forte.

O Regresso das fronteiras

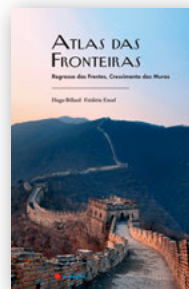
que nunca nos deixaram

As fronteiras podem ser **físicas e geográficas**, um obstáculo natural – formado por rios, montanhas, oceanos ou desertos – que separa dois territórios, ou **políticas**, linhas divisórias entre países para separar diferentes áreas de poder e governação. Muitas vezes, as duas tipologias coincidem, como no caso da fronteira natural dos Pirenéus entre a França e a Espanha, e são mais difíceis de alterar. As políticas mudam com maior frequência, devido a guerras ou acordos entre Estados. A ideia de fronteira está sempre associada à de espaço e de lugar, com uma dupla missão: por um lado, integrar, agrupar, proteger e regular uma determinada população; por outro, estabelecer um limite a respeitar e uma diferença a considerar, sendo dessa forma também um fator de exclusão para o outro, o "estrangeiro".

Como evoluiu o conceito de fronteira ao longo da História da Humanidade?

Se as primeiras grandes civilizações da Antiguidade delimitavam as suas fronteiras, na Idade Média essa demarcação tornou-se mais rígida, com o surgimento dos primeiros Estados soberanos. Os Descobrimentos e o mercantilismo dotaram as fronteiras de uma dimensão económica, potenciada pela posterior Revolução Industrial. Os processos de descolonização iniciados no século XIX e as guerras mundiais do século XX foram determinantes tanto para o traçado de novas fronteiras como para a defesa das já existentes. Durante a Guerra Fria, o conceito adquiriu uma forte componente ideológica, de que é expoente físico principal a construção do Muro de Berlim. Com a criação do Espaço Schengen em 1995, na Europa, e a expansão da globalização, assistimos a um esbatimento das fronteiras. Mas não nos iludamos, tudo pode estar a mudar irremediavelmente...

4 livros para compreender um mundo de fronteiras



Atlas das Fronteiras, de Hugo Billard e Frédéric Encel, apresenta mais de 100 mapas e documentos inéditos que são a expressão dos desafios políticos, culturais ou geopolíticos que o tema das fronteiras levanta. Neste livro ilustrado, as fronteiras são apresentadas como as herdeiras da História, impondo-se

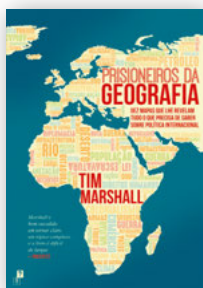
desde a Antiguidade, fruto de guerras, ódios, desejo de liberdade e de poder. «Poderá um campo de refugiados ser considerado uma fronteira sob tensão?» e existirão «fronteiras-fantasma, como a que assombra desde 1990 a antiga República Democrática Alemã?» são algumas das questões analisadas.



A Vingança da Geografia, de Robert D. Kaplan, desafia-nos a compreender as dinâmicas da política internacional ao longo da História, mostrando que tanto a geografia do planeta como o fluxo de religiões e ideologias estão na génese dos conflitos humanos, passados e presentes. Kaplan,

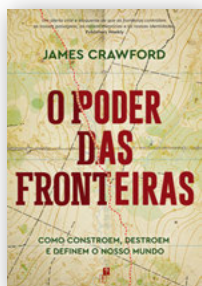
abre-nos a perspetiva de que aquelas fronteiras claras e lineares que se veem nos mapas podem não ser permanentes hoje, como nunca foram no passado. A geografia continua, para o bem e para o mal, a moldar a geopolítica internacional, e só quem não conhece o ritmo da História pode pensar que chegámos ao seu fim. Os sistemas políticos, as ideologias e as teorias científicas continuarão a nascer e a morrer rumo ao destino: a geografia, que é também a origem.

Nas últimas décadas, temos vivido sob o paradigma da globalização, e muito se tem falado do fim das fronteiras, da livre circulação de pessoas e mercadorias, do esbatimento dos Estados-nação e até de um regresso ao “nomadismo” através do digital. Quando os ventos da História pareciam soprar no sentido de um cada vez maior esbatimento das fronteiras, eis que um conjunto de eventos extraordinários – pandemia de covid-19 e invasão da Ucrânia por parte da Rússia – fez com que a ideia de fronteira despertasse de um curto sono histórico, ganhando novo lugar nas estantes das livrarias.



Ao longo de quase 300 páginas, o *bestseller* internacional **Prisioneiros da Geografia**, da autoria do reputado autor e jornalista britânico Tim Marshall, revela de forma clara e sucinta como os conflitos económicos e bélicos estão interligados com a geografia. Marshall sublinha que

todos os líderes mundiais vêm as suas decisões condicionadas por limitações geográficas, sejam elas montanhas, rios, mares ou betão. Se alguma vez se questionou sobre a razão de Putin ter uma obsessão pela Crimeia, de a paz parecer impossível no Médio Oriente, de os EUA entrarem em tantos conflitos armados ou de o poder da China continuar a crescer em todo o mundo, irá encontrar as respostas a estas e muitas outras questões neste livro repleto de factos e curiosidades histórico-geográficas.



James Crawford, aclamado historiador, editor e comentador escocês, expõe em **O Poder das Fronteiras** como estas se constroem, destroem e definem o nosso mundo, agregando História, viagens e reportagem. Aborda as fronteiras naturais, as fronteiras sanitárias que marcaram a Idade Média e parecem

querer voltar, e até as fronteiras virtuais, que apontam para uma Internet muralhada – com *firewalls* nacionais destinados a repelir ciberataques, mas que rapidamente evoluem para filtrar a sua própria versão de conteúdo “nocivo”. À medida que nacionalismos, alterações climáticas, globalização, tecnologia e migração em massa colidem com o reforço de fronteiras, algo tem de ceder.

Sabia que...?

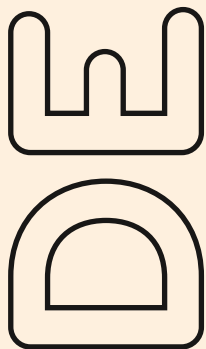
Portugal é um dos Estados-nação mais antigos da Europa e também o que tem as fronteiras estabilizadas há mais tempo. Foi a 12 de setembro de 1297, com a assinatura do Tratado de Alcanises, entre D. Dinis e o rei de Castela, Fernando IV, depois de muitas conquistas e reconquistas.

O mar de Bering traça uma fronteira natural de 3,8 km entre as ilhas de Diomedes Grande e Diomedes Pequena, separando as duas superpotências às quais pertencem, Rússia e EUA, respetivamente. Apesar da sua relativa proximidade, as Diomedes têm uma diferença horária de 21 h, pois encontram-se divididas pela Linha Internacional de Data, o que em teoria faz com que se possa viajar para trás no tempo, percorrendo uma ponte de gelo entre ambas no inverno.

A ponte internacional mais pequena do mundo, com cerca de seis metros de comprimento, atravessa a fronteira entre a nossa Várzea Grande e a espanhola El Marco. Esta pequena ponte é de vital importância para a comunidade local, que, apesar da linha fronteiriça, partilha muitos hábitos e costumes tradicionais.

Büdingen am Hochrhein pertence a um país, mas fica dentro de outro. Sendo um enclave, a pequena cidade alemã está totalmente cercada pela Suíça. Os habitantes levam uma vida verdadeiramente binacional em questões monetárias, de educação e mesmo desportivas, já que têm a única equipa alemã autorizada a jogar na Superliga Suíça.

Entre velhas e novas fronteiras, emergem a inteligência artificial e a exploração espacial, com a hipótese de se fundarem colónias no Espaço, em luas, planetas ou asteroides dentro do nosso sistema solar. **Serão estas as últimas fronteiras?**



LIVROS

Juntámos o melhor deste universo, letras e livros, e criámos uma Sopa de Livros. Wook vai encontrar? Um desafio muito engraçado, no qual pode descobrir alguns livros do momento e autores que reconhece em qualquer lugar! Vamos a isto?

SOPA

As palavras podem ser encontradas em qualquer direção (de cima para baixo e vice-versa, na diagonal, da esquerda para a direita e ao contrário). Veja a solução no blogue

Wookacontece



K	C	P	P	T	B	B	O	B	I	K	X	U	U	R	E	Q	G	B	S
C	O	B	S	O	W	F	O	S	E	I	C	V	W	C	Y	E	X	P	K
A	L	O	N	C	M	X	C	N	T	E	O	I	T	A	L	I	A	N	O
R	L	U	W	E	A	A	F	G	R	H	Y	E	Z	N	O	X	O	E	O
L	E	A	K	L	D	O	D	I	Z	K	Q	T	E	M	V	M	R	O	B
E	E	K	U	P	L	D	F	A	E	K	W	A	T	A	S	V	V	L	E
Y	N	T	M	L	G	D	A	D	S	I	A	U	S	Z	O	S	S	M	V
F	H	N	E	I	L	A	N	F	S	G	G	O	Q	D	Q	N	E	L	M
O	O	T	X	I	A	E	Z	T	C	M	M	Y	K	N	I	S	I	W	P
R	O	W	W	E	L	C	E	F	E	M	D	W	O	Y	P	C	L	T	X
T	V	B	K	L	O	D	O	R	C	U	A	B	W	R	U	B	T	R	A
U	E	S	A	D	Q	X	G	U	F	B	A	D	W	B	A	G	P	H	O
N	R	J	N	T	J	L	C	O	T	A	N	X	I	F	B	S	T	F	A
E	C	A	F	W	O	L	L	E	Y	O	A	O	C	E	S	H	L	X	C
R	E	P	P	O	T	S	T	R	A	E	H	T	C	J	R	A	E	A	C
V	K	Z	R	Y	M	Q	G	T	F	L	U	J	E	L	W	F	K	M	T
A	D	A	I	R	C	A	X	Q	S	J	A	G	O	L	K	C	Z	H	N
X	R	E	G	L	M	C	U	L	P	A	N	U	E	S	T	R	A	N	R
F	J	Z	M	T	D	B	P	V	E	L	G	S	F	Y	E	N	S	V	B
P	B	Z	I	U	Q	J	P	X	G	X	S	T	M	W	K	N	J	U	O

Colleen Hoover
Ken Follet
A Criada
Freida McFadden
Bryndza

Wildfire
O Italiano
Mia Couto
Ana Huang
Flawless

Yellowface
WOOK
Ebooks
Allende
Culpa Nuestra

Nómadas (sem
acento)
Carley Fortune
Twisted
Heartstopper

Trauma, sobrevivência e poder
num *thriller* psicológico de cortar o fôlego.

És sua refém há cinco anos.
Devias ter desistido,
mas estás atenta, à espreita...
Tem de ser agora.

CLÉMENCE
MICHALLON

A HÓSPEDE SILENCIOSA

Singular

“Uma leitura perturbadora, explosiva e viciante.”

Booklist

Singular

Qualidade de Vida, Alta *Performance* e Descoberta de Si: Uma Sintonia Perfeita

Por Vanessa Pereira

«Os dois dias mais importantes da vossa vida são o dia em que nascem e o dia em que descobrem porquê.»

Mark Twain

No início de um novo ano, é comum estabelecermos novos objetivos, mas porque não realizar essa análise de autoaperfeiçoamento após um período de descanso, quando estamos revigorados e cheios de energia? Esta é a nossa sugestão para si: buscar a excelência. Pode aspirar a um desempenho de alta *performance* ou simplesmente desejar alcançar resultados que o façam sentir-se melhor.

Os passos que dá não precisam de ser gigantescos, mas o céu é o limite.

As nossas sugestões de leitura exploram os princípios fundamentais da alta *performance*, abordando como ela pode ser alcançada em várias esferas da vida e como os benefícios resultantes podem impactar de forma considerável o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Prepare-se para entrar num mundo repleto de metas ambiciosas, desafios instigantes e conquistas inspiradoras, em que o alto desempenho atua como banda sonora na procura da sua melhor versão.

Exploramos diversas vertentes, do trabalho à vida pessoal, porque somos todos diferentes, e o mais importante, acima de tudo, é encontrar um equilíbrio perfeito.

Conheça os doze livros que temos para si!





A Universidade Secreta

Luís Fernando

Um livro que se propõe a encarar a produtividade com um olhar consciente e que nos leva a obter os resultados que desejamos através de um caminho de crescimento pessoal. Produtividade é sinônimo

de otimização de tempo, de alcançar objetivos e, sobretudo, de termos mais tempo para o que é realmente importante e significativo na nossa vida. Uma jornada para três grandes prioridades: autoconhecimento, desprendimento de bloqueios e criação de um sentido maior para a vida, no fundo: a liberdade e a felicidade.

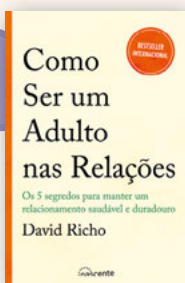


O Hábito de Fazer Agora

Dr. Neil Fiore

Se adia tarefas importantes e tem por hábito procrastinar, este livro é para si! Para Neil Fiore, não é produtivo classificar alguém de preguiçoso e simplesmente esperar que a pressão o motive. O medo do

fracasso e o receio da imperfeição são fatores que inibem a ação e a realização dos objetivos desejados. O propósito real é ensinar a aceitar-se, sem medo de julgamentos, pois a procrastinação, como mecanismo de sobrevivência, pode ser desaprendida e reprogramada.



Como Ser um Adulto nas Relações

David Richo

David Richo apresenta um guia para desenvolver relacionamentos saudáveis e maduros. O autor explora como superar padrões de comportamento infantis, como a

dependência e o medo da intimidade, e como cultivar relações baseadas na compreensão mútua, respeito e amor verdadeiro. Richo oferece sabedoria psicológica e espiritual para ajudar os leitores a crescerem emocionalmente e criarem conexões mais profundas e incríveis. Uma ferramenta valiosa para qualquer pessoa que deseje aprimorar as suas habilidades de relacionamento e construir vínculos mais autênticos.



Implacável

Tim S. Grover

Kobe Bryant, um atleta de elite, elogiou este livro como sendo fundamental para descobrir o seu verdadeiro potencial, conquistar resultados inimagináveis e alcançar o êxito. Uma inspiração para

os leitores se comprometerem consigo mesmos, tomarem decisões e prosperarem. A mensagem central é elevar constantemente o padrão de excelência pessoal. Confie na pessoa que já é e permita-se bloquear todo o medo e distrações, alcançando assim tudo o que quiser, em tudo o que faz.



Não Me Podem Magoar

David Goggins

Goggins é a única pessoa no mundo a completar os treinos de elite de três forças especiais – Navy SEAL, Army Rangers e Air Force Tactical Air Controller –, tendo assim ultrapassado uma infância difícil,

marcada pela pobreza extrema, o racismo, o trabalho infantil e os abusos do pai. Neste livro, faz uma partilha na primeira pessoa na qual oferece lições poderosas sobre resiliência, determinação e autoaperfeiçoamento, incentivando os leitores a enfrentarem os seus próprios obstáculos com coragem.

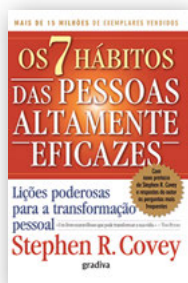


Fluxo

Mihaly Csikszentmihalyi

Já deu por si tão concentrado numa tarefa que não deu pelo tempo passar? Mihaly Csikszentmihalyi oferece uma visão fascinante sobre como alcançar o estado mental de fluxo, caracterizado por total

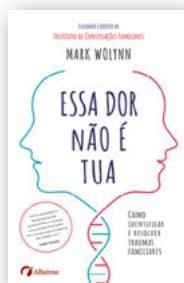
absorção e satisfação numa atividade. O autor explora como encontrar esse estado pode levar à realização pessoal e à felicidade, e fornece orientações práticas para atingir esse nível de imersão. Um livro basilar para qualquer leitor que procure maior produtividade, criatividade e contentamento na sua vida quotidiana.



Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes

Stephen R. Covey

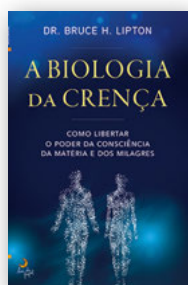
Stephen R. Covey descreve como se pode ser mais feliz e produtivo, apresentando um modelo para o sucesso, porque a transformação tem por base uma mudança de paradigma e uma nova forma de olhar o mundo. A verdadeira e profunda metamorfose começa dentro de si, na capacidade de aprender a comunicar e a lidar com os outros. Nunca deve parar de aprender, melhorar e crescer. Um verdadeiro manual para obter melhor desempenho tanto na vida pessoal como na vida profissional.



Essa Dor não é Tua

Mark Wolynn

Uma leitura que é também uma exploração profunda das feridas emocionais e traumas familiares que podem ecoar através das gerações. Mark Wolynn, especialista mundial na área do trauma, oferece uma visão compassiva sobre como as experiências não resolvidas dos nossos ancestrais podem afetar as nossas vidas atuais, assim como as estratégias terapêuticas para identificar, compreender e curar essas conexões invisíveis com o passado. Porque libertar-se de padrões familiares negativos resulta numa maior compreensão de si mesmo e numa vida mais leve.



A Biologia da Crença

Dr. Bruce H. Lipton

Dr. Bruce H. Lipton apresenta uma visão de como as células do nosso corpo respondem ao ambiente, ao poder das nossas crenças, e como impactam a nossa saúde e o nosso bem-estar. Com uma linguagem acessível, o autor destaca a importância de cultivar pensamentos positivos e a influência do *stress* nas doenças. Para todos aqueles que procuram compreender o poder da mente na saúde e no desenvolvimento pessoal, garantimos que esta é uma obra essencial para uma *mens sana in corpore sano*.



Os Seis Hábitos de Alta Performance

Brendon Burchard

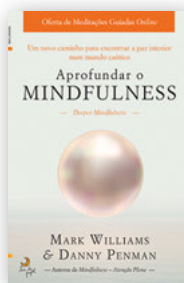
Como é que as pessoas se tornam extraordinárias? Brendon Burchard, um dos mais requisitados *high performance coaches* do mundo, traz-nos um guia motivador e prático para atingir o sucesso e a excelência pessoal através de seis hábitos-chave. Explorando a importância da clareza, da energia, da coragem, da produtividade, da influência e da integridade, com exemplos inspiradores e exercícios, os leitores são convidados a definir metas, aumentar a sua produtividade e criar uma vida significativa. Um recurso valioso para aqueles que desejam atingir o seu potencial máximo!



Liderar com Coração

de John Baird e Edward Sullivan

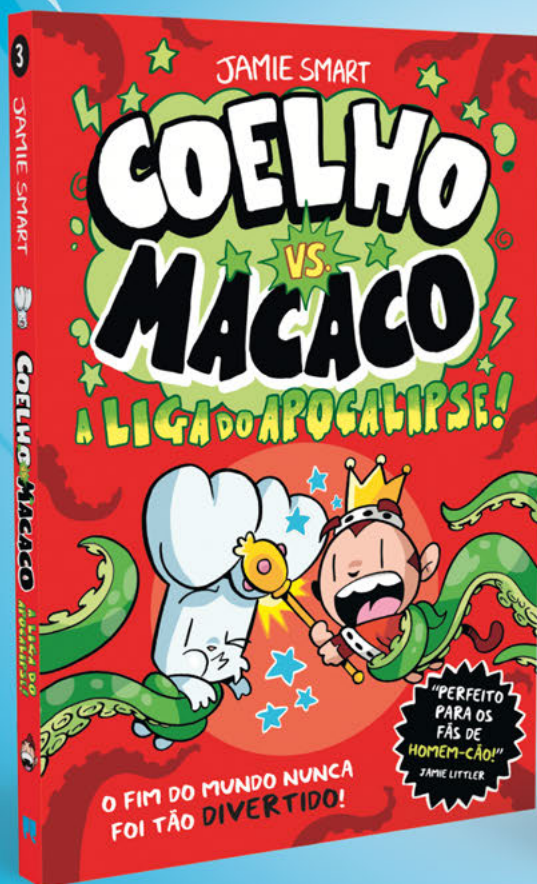
Porque liderar não é apenas dar ordens, esta é uma obra inspiradora que destaca a importância de uma liderança autêntica e compassiva. Para John Baird, os líderes eficazes devem preocupar-se não apenas com resultados, mas também com o bem-estar das suas equipas. *Liderar com Coração* compartilha histórias cativantes e estratégias práticas que ajudam os leitores a tornarem-se líderes mais eficientes e humanos. Uma leitura essencial para aqueles que desejam melhorar as suas capacidades de liderança e criar ambientes de trabalho mais positivos e produtivos.



Aprofundar o Mindfulness

Mark Williams e Danny Penman

Com uma abordagem baseada na ciência e na compaixão, *Aprofundar o Mindfulness* apresenta uma visão clara e acessível. O psicólogo Mark Williams e o bioquímico Danny Penman fornecem orientações sobre como aprofundar a sua consciência plena, numa obra para aqueles que desejam progredir na sua prática e experimentar uma mudança pessoal profunda através de técnicas avançadas, *insights* e exercícios concretos. Objetivo: melhorar a sua capacidade de atenção, reduzir o *stress* e cultivar a paz interior.



"PERFEITO
PARA OS
FÃS DE
HOMEM-CÃO!"
JAMIE LITTLER

"PERFEITO
PARA OS
FÃS DE
HOMEM-CÃO!"
JAMIE LITTLER

"PERFEITO
PARA OS
FÃS DE
HOMEM-CÃO!"
JAMIE LITTLER

**CRIATIVO, ORIGINAL
E COMPLETAMENTE
LOUÇO!**

Camilla Läckberg

Entrevista

Camilla Läckberg é a rainha do *thriller* escandinavo.

A escritora sueca mais lida em todo o mundo, que desde pequena sempre se sentiu atraída pelo obscuro, tem já mais de 30 milhões de livros vendidos em 60 países e várias das suas obras adaptadas à televisão e ao cinema. *O Cuco* é o mais recente livro da famosa série Os Crimes de Fjällbacka, uma coleção de policiais magistralmente intrincados cuja ação se passa na pitoresca cidade natal da escritora.

Na vida real como nos enredos que cria, Camilla, que adora psicanalisar pessoas, constata que não há limites para o horror de que estas são capazes. Diverte-se a projetar-se em Erica Falck, a escritora no centro das histórias de Fjällbacka que é uma espécie de alter ego sua. E considera que ser capaz de criar personagens credíveis e relacionáveis é a sua maior força enquanto autora.

Na entrevista que nos deu na sua primeira vinda a Portugal, Camilla Läckberg revela-nos aspetos inéditos sobre a sua fantástica carreira literária e a sua vida. Não há como não ficar rendido à genialidade e ao carisma desta surpreendente escritora.

Por Vera Dantas



Entrevista em
formato vídeo na Wook



Agora que todos os *thrillers* da série Os Crimes de Fjällbacka vão ser publicados pela Porto Editora, como se sente com o sucesso dos seus livros junto dos portugueses?

Estou muito feliz com o carinho que os meus livros estão a receber em Portugal. Esta é a primeira vez que estou cá, a conhecer os meus leitores portugueses, por isso estou muito entusiasmada.



O Cuco é o 11.º livro da série Fjällbacka.

Vai ser o último?

Este não vai ser o último livro da série **Fjällbacka**. Vai haver pelo menos mais alguns, mas nunca decido quantos. Vou andando e vendo, porque quero escrever sobre Fjällbacka, desde que sinta prazer nisso. Quem sabe durante quanto tempo será?

Como é que a sua experiência em *marketing* a ajudou na sua carreira de escritora?

A minha experiência como economista e gestora de produtos de mercado ajudou-me muito, desde o início. Penso que é realmente muito importante para qualquer autor, porque, depois de escrevermos um livro, queremos que ele chegue ao maior número de pessoas possível. Ao longo da minha carreira, tenho combinado estas duas competências.

Até se tornar uma escritora reconhecida, foi mais difícil desenvolver um processo de escrita ou lidar com o setor editorial?

Eu gosto de ambos, na verdade. Quando escrevo, estou totalmente dentro da minha própria bolha, e só me preocupo com o manuscrito, o que é um trabalho muito solitário, em casa, sozinha. Mas depois de fazer isso durante pelo menos um ano, anseio por sair e conhecer os leitores. Gosto muito desse processo. Terminada essa fase, também de cerca de um ano, já quero voltar à minha bolha novamente. Gosto do contraste.

Como rainha do *thriller* escandinavo, de que forma abriu caminho para outros escritores nórdicos deste género?

Houve escritores que também me abriram o caminho, e espero ter feito o mesmo para mais escritores de crime e mistério. Um escritor de policiais que tenha sucesso internacional pode despertar o interesse por outros escritores escandinavos do género de crime. Acho que todos temos ajudado a tornar a literatura de crime escandinava um grande sucesso mundial.

Com Agatha Christie descobriu os policiais, e Stephen King é dos seus autores favoritos. O que aprendeu com eles?

Ao ler muitos livros, e especificamente Agatha Christie e Stephen King, aprendi muito sobre ritmo e criação de drama e *suspense*. Eles são muito habilidosos no que fazem e foram ótimos a ensinar-me como contar uma história a um bom ritmo.

Como escritora profissional, planeia sempre os livros de antemão?

Sou uma escritora muito caótica. Tenho colegas que têm o livro inteiro planeado em pequenas notas adesivas antes de começarem a escrever, mas eu não sou assim. Quando começo a escrever, sei talvez dois por cento do livro e apenas deixo a história e as personagens guiarem-me. É muito stressante, mas só consigo trabalhar dessa forma.

Mas quando planeou a trilogia de suspense com Henrik Fexeus, ambos souberam logo como iria acabar...

Sei sempre como vai acabar, e foi o caso nos livros com Henrik Fexeus, pois sabíamos como toda a trilogia iria terminar. Quando escrevo os meus livros, sei o começo e sei o fim, mas não sei necessariamente

muito sobre o que acontece pelo meio. Acho que é um processo muito orgânico. Quando escrevemos juntos, tanto eu como Fexeus fazemo-lo cronologicamente, e deixamos a história desenrolar-se. Mas sabemos o ponto em que vamos terminar.

É mais desafiante para si estruturar o enredo ou criar personagens tridimensionais credíveis?

Para mim, as personagens sempre foram a coisa mais importante dos livros e também a que me dá mais alegria. Ser capaz de criar personagens credíveis e relacionáveis é a minha maior força enquanto escritora, e tem sido a chave do meu sucesso.

É algo relativamente fácil e muito prazeroso para mim, "inventar" pessoas.

Certamente que é uma pessoa muito observadora...

Sempre fui mais observadora do que participante. Era a criança sentada um pouco ao lado, a olhar para as outras pessoas e as suas vidas. Isso é algo que tem estado comigo enquanto adulta, também. Gosto de analisar pessoas, e por isso talvez também adorasse tornar-me psicanalista. Sou aquela a quem as pessoas recorrem quando precisam de conselhos sobre relacionamentos, e dou-lhes esses conselhos!

De que forma pesquisa para "montar" os crimes das suas histórias? Tem acesso a relatórios policiais?

Toda a minha vida fiz pesquisa para os policiais, porque sempre tive um interesse muito *nerdy* por assassinatos e as respetivas investigações. Li muito *true crime*, imensos documentos judiciais e coisas do género, apenas por interesse. Também fui casada com um polícia, e isso foi muito útil. Essa pesquisa é relativamente fácil para mim, e consulto polícias, à medida que avanço, além de técnicos forenses. E o Google é o meu melhor amigo. Está lá tudo!

Alguma vez foi consultada, como conhecedora de criminologia, numa investigação criminal?

Não fui consultada numa investigação policial real. No entanto, tenho frequentemente teorias, quando leio sobre crimes reais, e muitas vezes estou certa! Geralmente, é o marido ou a esposa.

Nas suas histórias, mais do que detalhes macabros, o mais importante é a dimensão humana?

A psicologia por trás do assassinato e o aspeto humano é o que me interessa. Nunca tive a intenção de descrever um assassinato horrível de forma muito

detalhada. Faço-o, às vezes, porque a história precisa disso. Mas não é um meio em si. É sempre a natureza humana aquilo que eu acho mais interessante.

Patrick e Erica são a força motriz da série Os Crimes de Fjällbacka. Diverte-se a projetar-se em Erica?

Divirto-me tanto a usar minha própria vida na vida de Erica! E o melhor é que nem tudo é a minha vida. Algumas coisas são a vida de outra pessoa, de um amigo, de alguma história que ouço. Sou a única que sabe o que é mesmo da minha vida. Mas o meu marido às vezes pode ficar stressado quando estamos a conversar, porque me vê a tomar "notas mentais", e diz: "Não, não, não! Não vais usar isso!"

Dado que se inspira na vida real, tornou-se mais difícil escrever sobre crimes que vitimam crianças, desde que é mãe?

O facto é que me tornei escritora exatamente ao mesmo tempo em que me tornei mãe. O meu primeiro filho nasceu na mesma semana em que o manuscrito de *A Princesa de Gelo* foi aceite para publicação. Isso aconteceu paralelamente e, ao longo dos meus 20 anos de carreira, escrevi tanto sobre crianças que sofrem que não é muito difícil psicanalisar isso. É a minha forma de lidar com o meu pior medo: de que algo aconteça aos meus filhos. Provavelmente diria que, ao escrever sobre crianças que são magoadas, estou a aliviar o *stress* e os medos que tenho, ao confrontá-los.

«Ser capaz de criar personagens credíveis e relacionáveis é a minha maior força enquanto escritora.»

«Apercebi-me de que não há limites no que toca ao comportamento humano hediondo. Se já se viu o pior, há mais por vir.»

As suas histórias já lhe deram pesadelos?

Nunca tenho pesadelos com as minhas histórias. Sempre fui atraída pelo obscuro e adoro filmes de terror e histórias de assassinatos horríveis. Por isso, durmo muito bem à noite. As coisas horríveis fazem-me relaxar. Até sigo uma conta no Instagram sobre limpeza de locais onde ocorreram assassinatos. [risos]

Qual foi o livro mais difícil que já escreveu?

Provavelmente *A Princesa de Gelo*, porque foi o meu primeiro livro e eu não sabia como escrever um romance. Não tinha nenhuma das personagens no lugar. Precisava de inventar tudo do zero: o ambiente, a história, as personagens, e não fazia a mínima ideia de como fazê-lo. Tive de avançar um passo de cada vez. E também me sentia muito insegura, não estava confiante de que conseguiria escrever um livro. Pensava: "Os escritores escrevem livros, não eu...!"

De todos os livros que já escreveu, qual é o seu favorito?

Quase sempre gosto mais do meu livro mais recente, porque tem os mundos em que passei os últimos tempos. Portanto, adoro mesmo *O Cuco*. Mas tenho alguns especiais entre os mais antigos: *Gritos do Passado*, *Os Diários Secretos* e *A Menina na Floresta*. Diria que são um pouco como favoritos extra.

O seu trabalho deu-lhe uma melhor compreensão da natureza humana?

Acredito que, ao escrever os meus livros policiais, me tornei ainda mais observadora da natureza humana. Apercebi-me de que não há limites no que toca ao comportamento humano hediondo. Se já se viu o pior, há mais por vir. Isso tornou-me um pouco cínica.

Um curso de escrita levou a que se tornasse escritora. Consideraria ensinar aspirantes a escritores?

Não tenho tempo para dar aulas, mas quando as pessoas entram em contacto comigo e perguntam por onde começar para se tornarem escritores, recomendo sempre que comecem com um curso de escrita, sim.

De que forma está a colaborar na adaptação da série de policiais de Mina e Vincent, com o escritor e mentalista Henrik Fexeus, a série televisiva?

Tanto Henrik como eu estamos profundamente envolvidos no desenvolvimento da série de TV. Estamos na "sala do escritor" com os argumentistas e recebemos e-mails semanais em que eles nos contactam sobre os detalhes. Perguntam-nos se podem fazer certas coisas, o que queremos dizer com determinada parte do livro, como devem as personagens agir em determinada situação... Estamos muito envolvidos.

Também participou na adaptação para TV da série Os Crimes de Fjällbacka?

Um pouco, mas estou mais envolvida agora, porque também ganhei mais experiência; sou coproprietária de duas produtoras, escrevi guiões de filmes, desenvolvi várias séries televisivas. Por conseguinte, sou muito mais experiente agora, tenho mais para dar ao processo de adaptação do que costumava ter.

Isso vai fazer com que a adaptação televisiva da série de Mina e Vincent vá ser mais fiel aos livros?

É muito próxima dos livros, o que nem sempre é o caso, como sabe. Às vezes muda-se muito, mas [os produtores] têm sido muito fiéis ao formato dos livros, o que nos deixa muito felizes. Os leitores vão poder reconhecer a história dos livros na série.

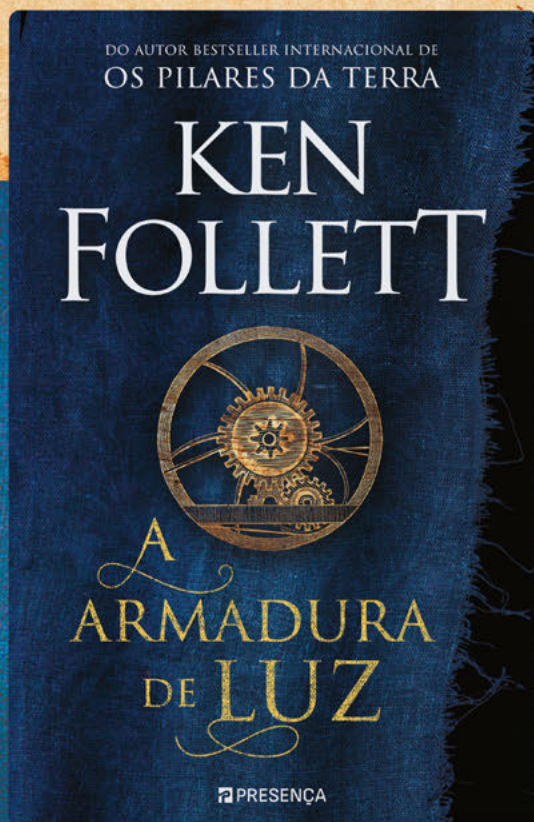
Qual é a sua maior conquista?

Os meus quatro filhos. Eles são amorosos.

O que a faz mais feliz?

Ter um momento de preguiça, sentada no meu sofá em casa, de pijama – e tenho pijamas muito pirosos, com unicórnios e cones de gelado, porque isso deixa a minha filha de sete anos contente –, com um copo de bom vinho tinto na mão, a ver um ótimo programa de "televisão-lixo" como *The Real Housewives*, deixa-me sempre feliz.

O regresso de Ken Follett a Kingsbridge.



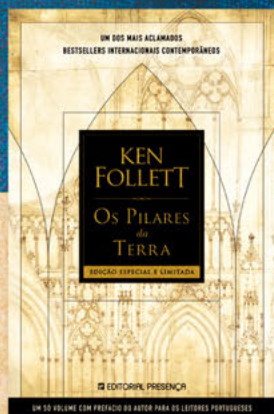
A Revolução está no ar.
O ano é 1792.

«Ambicioso e com um pano de fundo
histórico extraordinário.»

The Sunday Times

«Preparem-se: é impossível parar de ler.»

The Independent



 PRESENÇA

entrevista

Tahereh Mafi

Por Vera Dantas



Tahereh Mafi é uma das escritoras *Young Adult* (YA) de maior sucesso da atualidade, oscilando entre os subgêneros da fantasia e do *thriller* romântico distópico, com séries que já venderam milhões de livros em todo o mundo.

Em *Um Reino de Intrigas*, o seu mais recente livro lançado em Portugal, evoca as suas origens iranianas, inspirando-se numa obra épica fantástica e numa amálgama de histórias, aromas e texturas que moldaram a sua infância.

Thahereh acredita que o sucesso do género YA, que tem vindo a crescer na última década, se deve à forma como os romances para jovens adultos nos remetem frequentemente para os momentos mais marcantes das nossas vidas. E isso é algo que a fascina.

Diz que se identifica mais como leitora do que como escritora. Continua a ler tão avidamente como antes ou tem uma abordagem mais analítica, que exige mais tempo?

Atualmente, estou numa fase da minha vida em que tenho menos horas de lazer flexíveis do que quando era jovem, o que significa que leio sempre que tenho oportunidade. Há meses em que consigo ler vários livros – ou mais. Noutros meses, só tenho tempo para ler um ou dois – ou zero. Num sentido mais lato, a minha identidade como escritora é mais concreta; mas no meu coração acho que serei sempre uma leitora, em primeiro lugar.

Tem uma rotina de escrita? E um sítio onde prefere escrever?

A minha rotina de escrita é simples e nada romântica. Quando estou a escrever um romance, acordo muito cedo – antes do amanhecer – e trabalho até a minha filha acordar. Quando ela vai para a escola, volto para a minha secretária e trabalho até à hora de a ir buscar. Não gosto de trabalhar noutro sítio que não seja a minha secretária. Não consigo trabalhar em locais públicos; não gosto de me sentir exposta enquanto estou a escrever. Aprecio o silêncio, a privacidade e a intimidade de trabalhar num espaço acolhedor e isolado.

@Ramson Riggs

«Embora os meus romances estejam imbuídos da minha própria humanidade, eu não sou aquilo que crio.»

Planeia antecipadamente as personagens e a narrativa dos seus livros?

Sim, por vezes. Depende. Quando estou a escrever o primeiro livro de uma série, por exemplo, normalmente passo o meu primeiro rascunho a explorar as profundezas das personagens e do mundo que habitam. Quando estou a escrever as sequelas, os seus percursos são mais claros e fáceis de traçar. Mas gosto de deixar espaço para a espontaneidade na minha escrita. É divertido quando as minhas personagens me surpreendem.

O seu processo de escrita mudou ao longo dos 12 anos desde que se tornou uma escritora publicada e ganhou experiência? Como?

Sim. Parte dessa mudança deve-se ao simples facto de terem passado doze anos. A minha vida é hoje diferente; eu sou diferente. Gosto de acreditar que sou uma escritora melhor hoje do que era há doze anos, mas tenho a certeza de que sou uma escritora mais eficiente do que era antes.

Os livros no género *Young Adult* (YA) proporcionam a experiência de viver a vida sob o prisma da adolescência – sentimentos estimulantes, coisas que nunca esquecemos. Acha que os seus livros ajudam os leitores jovens (e adultos) a lidarem com os seus sentimentos?

Espero sinceramente que sim.

O que mais lhe agrada na escrita do género YA?

Inicialmente, senti-me atraída pelos livros do género *Young Adult* porque adorava a forma como a esperança ardia tão intensamente entre as capas dos livros. Quanto mais envelheço, mais óbvio e importante se torna para mim garantir que estamos a construir um mundo que dá esperança aos jovens. É uma honra fazer parte desse esforço.



Numa fase da sua vida académica, apercebeu-se de que se tinha esquecido do que era ler pelo prazer de ler. Muitos alunos veem a leitura como uma obrigação. Acha que o género YA está a ajudar as novas gerações a redescobrirem o prazer da leitura?

Acredito que o YA está a ajudar a introduzir o gosto pela leitura nas novas gerações. Conheço regularmente leitores que só recentemente descobriram o seu amor pelos livros – e encontraram o seu caminho através do mundo da literatura juvenil.

Para si, qual foi o livro mais difícil de escrever e porquê?

Provavelmente, *An Emotion of Great Delight*. É o livro mais curto que já publiquei e, no entanto, é o mais pesado. Escrever essa história exigiu muito de mim e, no processo, teve um impacto emocional. Suponho que, por essa mesma razão, terá sempre um lugar especial no meu coração.

O que é que tem sido mais gratificante para si enquanto escritora?

O próprio facto de poder viver a minha vida como escritora a tempo inteiro.

E o que é mais desafiante?

A mercantilização do eu. O meu trabalho é, por vezes, intensamente pessoal; quando escrevo, baseio-me em emoções reais que vêm de lugares reais – e depois embalo essas emoções num produto destinado a ser vendido em lojas. Essa parte parece-me sempre estranha – e complicada. Porque, embora os meus romances estejam imbuídos da minha própria humanidade, eu não sou aquilo que crio. Estou à parte da minha arte. Pode ser difícil traçar essas linhas com suficiente nitidez para que não se confundam.

Prefere escrever ficção realista ou sobrenatural?

Gosto de escrever ambas. Depende apenas de como me estou a sentir.

Está a pensar escrever noutros géneros, no futuro? Quais?

Oh, sem dúvida! Há todo o tipo de livros que quero escrever, porque gosto de todo o tipo de livros.

Intrigas é inteiramente fabricado; a língua é inventada, os costumes e os rituais são inventados. Foi escrito com afeto, a partir de um lugar real, mas é firmemente uma obra de ficção.

Ao acompanhar Alizeh, em *Um Reino de Intrigas*, entramos numa dimensão tão mágica quão reais são as emoções que transmite aos leitores (tal como os seus romances anteriores neste subgénero). Concorde que a fantasia e as histórias antigas refletem a vida e nos ajudam a ultrapassar as suas provações?

Acredito que a fantasia como metáfora pode ser muito poderosa. Quando se constrói um mundo de fantasia – quando se contam histórias sobre o “bem” e o “mal” e as suas muitas nuances –, torna-se como que inevitável refletir sobre o mundo real. Sim, concordo plenamente que este tipo de histórias nos ajuda a ultrapassar as provações da vida. Pode ser tremendamente curativo ver a nossa dor através de uma lente que lhe dá significado – e nos dá esperança.

«Pode ser tremendamente curativo ver a nossa dor através de uma lente que lhe dá significado – e nos dá esperança.»



O seu livro recentemente lançado em Portugal, *Um Reino de Intrigas*, é inspirado na mitologia persa. Escrever este romance foi também uma forma de homenagear a cultura e o povo da sua família?

De certa forma. *Um Reino de Intrigas* é, em parte, inspirado no *Shahnameh*, uma obra épica e fantástica do famoso poeta iraniano Ferdowsi. Mas é também mais do que isso; é uma amálgama de histórias, aromas e texturas que moldaram a minha educação. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria inspirar-me nas memórias sensoriais da minha infância – o sabor do chá, o aroma da água de rosas, o lirismo da poesia persa. De resto, o mundo de *Um Reino de*

Já lançou, em inglês, *These Infinite Threads* e *All This Twisted Glory*. Vai haver um próximo livro da série *This Woven Kingdom*?

Sim. Mais informações sobre o próximo livro estarão disponíveis em breve!

Qual considera ser a sua maior conquista?

Ser alguém que a minha filha admira.

E o seu maior objetivo como escritora e como pessoa?

Neste momento, os meus únicos objetivos na vida são cuidar das pessoas que amo. Nada é tão importante para mim como a minha família.

AUTORES

A inconformidade que provoca

Por Álvaro Curia e Ludgero Cardoso @literacidades

MALDITOS

A origem

Foi com a primeira publicação de ***Os Poetas Malditos***, em 1884, por Paul Verlaine, que o termo ganhou forma, adaptação de uma noção romântica de "maldição", cunhada por Alfred de Vigny em ***Stello***. O poeta maldito é então caracterizado como uma entidade em constante confronto com a sociedade burguesa, com a ordem estabelecida, com o cânone da época, que vive num tumulto obsessivo que se aproxima vertiginosamente da demência e da autodestruição.

Embora associados amiúde à flor do Romantismo, a imagem destes primeiros malditos, como Arthur Rimbaud, Tristan Corbière ou Stéphane Mallarmé, pouco tem de idílica. Pelo contrário, os jovens poetas franceses vivem num círculo perigoso, no qual imperam

o absinto, os opiáceos, onde a realidade é toldada pela provocação da vivência nas franjas da sociedade, muitas vezes na mais extrema pobreza e carência. Reflexo da sua vida, a arte destes autores viria a ser transgressora, embatendo de frente contra as convenções burguesas e instaurando em França o núcleo de um novo movimento literário, o Simbolismo, que choca com o Naturalismo e o Realismo, mas também com qualquer produção artística que não tenha a ideia no centro da concepção criativa. Fizeram do "mal" um tema central, cunhando a sua arte num tom muitas vezes infernal, sem redenção possível para o ser humano. Um caos de sensações vertiginosas onde o corpo concentra toda a dor de espíritos em constante jogo de tensões.

Que inocência é pensar que a *cancel culture* nasceu com a geração *woke* e que a demonização de um sujeito por aquilo que diz publicamente é um sinal dos tempos. Pensemos nos autores malditos e na censura cultural enquanto arma para calar a arte.

Deixar de lado um determinado objeto, repudiando o seu autor, virar a cara perante uma tirada mais ácida, gerar escândalo ao ir contra convenções não é exclusivo do nosso século, e há de ter uma memória histórica muito curta quem disso faz bandeira para remir um fosso geracional entre os mais velhos

e os mais novos. A tecnologia, as redes sociais ou as ferramentas de constante contacto são apenas instrumentos que vieram, nas últimas décadas, tornar mais visível e acessível a opinião e o comentário. Noutros tempos, contudo, o cancelamento não se fazia com a mesma rapidez, mas ficaram, da mesma forma, afastados da ribalta vários autores, rotulados de “malditos”, termo carregado de negativismo. Incompreendidos no seu tempo, viram as suas obras reabilitadas com o avançar dos anos, que permitiram que o reconhecimento chegasse quando a ofensa nelas contidas cessasse de existir.

O legado dos malditos

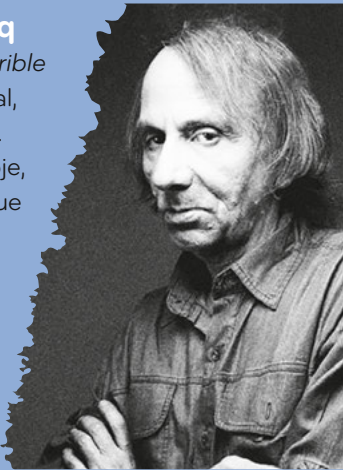
Num exercício de imaginação, procurámos perceber se faz sentido extrapolar a ideia de “escritor maldito” além da geração de Verlaine da França do final do século XIX e encontrar, na atualidade, autores que são marginalizados pela sua postura pouco convencional, indo contra o que é o padrão do correto e aceitável, entrando em temas muitas vezes da ordem do indizível ou impensável. Esta é uma reflexão que não pretende criar um juízo de valor sobre os visados, seja ele positivo ou negativo. Enquanto leitores, temos, é claro, os nossos gostos pessoais e estamos inevitavelmente suscetíveis a tornar permeável o autor e a sua obra. Mas não se trata, neste texto, de expor um critério

de gosto ou validade. Muito pelo contrário, e quiçá inspirados pelos próprios “malditos”, deixamos a provocação no ar, à mercê de quem a quiser apanhar. A nossa escolha foi feita tendo parâmetros objetivos: autores contemporâneos, que já foram em algum momento cancelados, dos quais já lemos ambos pelo menos um livro, que abordam temas fraturantes nas suas obras e/ou têm uma postura pública polémica. Muitos outros autores disruptivos haveria acrescentar a esta lista, mas poucos mais cumpririam com tanto rigor os critérios a que nos propusemos.

Autores malditos

Michel Houellebecq

Considerado o *enfant terrible* da literatura francesa atual, dele já lemos **Serotonina**. Não encontrámos, até hoje, um leitor que nos diga que tem uma postura morna perante os seus livros. Ou amam ou odeiam. Muitos encontram pornografia nas suas detalhadas descrições de atos sexuais, levadas ao pormenor; há até quem veja em alguns romances uma relativização de crimes como a violação ou a pedofilia. Mas não é tudo. Em **Submissão**, bem como no mais recente **Aniquilação**, a religião e a política não convivem bem, sendo o Islão alvo de fortes ataques. Também acusado de plágio, a Houellebecq não há tema que escape de polémica. Se a muitos incomoda, a outros fascina. Estes, geralmente, advogam que estes posicionamentos são formas de o autor nos instar a pensar no humano enquanto dimensão superior.



J. K. Rowling

E o que faz uma escritora de livros juvenis nesta lista? Responsável por um dos mais estrondosos sucessos de sempre da literatura mundial, que teve o dom de pôr a geração *millennial* a ler muito mais do que os seus pais, J.K. Rowling caiu em desgraça e foi cancelada por muitos, entre os quais fãs acérrimos da saga de **Harry Potter**.

Ao que parece, a escritora britânica tem uma relação complicada com aquilo que escreve na rede social X, ex-Twitter, e se os seus livros foram capazes de

deslumbrar uma geração, o mesmo não se passa com os seus comentários polémicos a respeito, sobretudo, da comunidade trans. Do Twitter para os comentários de interpretação dúbia, das ofensas a organizações LGBTQIA+ até ao *serial killer* de **Sangue Turvo**, um homem que se mascara de mulher, a própria J.K. Rowling não tem feito muito para apagar a sua fama de escritora transfóbica.



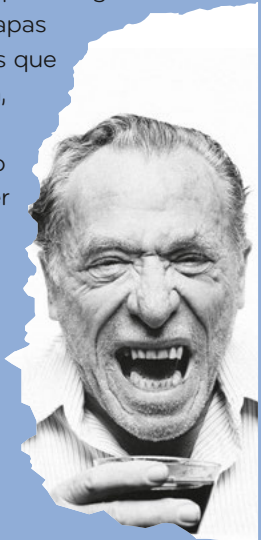
H. G. Cancela

Sendo um dos autores mais discretos do panorama nacional, não nos habituamos a vê-lo em *talk shows* ou festivais literários. Ao contrário dos que lhe antecedem nesta lista, a sua presença aqui faz-se exclusivamente pelo conteúdo das suas obras, já que, da pessoa que as escreve, pouco conhecemos. **Impunidade** e **As Pessoas do Drama** já foram lidas cá em casa. E são aquele tipo de recomendações que fazemos a medo, porque entrar nestes livros é permitir-se abrir a porta a um inferno de sensações que raramente aparecem na literatura. Cancela vai onde poucos vão na sua perseguição pelo que de mais violento e repulsivo tem o ser humano nas suas relações. Uma essência de um ser mau, em conflito. Longos percursos por estradas vazias, em delírio, dando-se ao álcool e ao medo, ao sexo proibido e ao mais profundo abandono a que uma pessoa consegue subjugar outra.

Charles Bukowski

Um escritor que por si só é uma personagem.

Aquele homem rezingão, sem papas na língua, capaz dos comentários que nos deixam com vergonha alheia, mas do qual, afinal de contas, quase gostamos de tão inusitado que é. Quem o acusa de escrever sob o privilégio branco, urbano e heterossexual, provavelmente não lhe conhecerá a infância difícil de abusos físicos e psicológicos por parte do pai, numa família disfuncional, bem como uma adolescência de tratamentos em hospitais devido a problemas de saúde. Não é de admirar que o álcool e a literatura tenham sido a sua fonte de salvação. Mas Bukowski não inspira pena, e acreditamos que pouco lhe interessasse o que os outros pensavam dele. Caracterizado como meliante, alcoólatra, antipático e miserável, safava-o o sentido de humor, que transparece também em várias das suas obras, como **Histórias de Loucura Normal** ou **Os Cães Ladram Facas**.



Hilda Hilst

Normalmente, quando se diz que uma mulher transgride a norma e se torna uma escritora marginal, é porque ousou desafiar o patriarcado ou se insurgiu com a sua condição. Neste caso, Hilda Hilst fez isso tudo e muito mais. Resumindo, fartou-se de ser uma senhora bem-comportada. Após completar o curso de Direito, Hilda mudou-se para o interior, vivendo rodeada pela Natureza, hospedando figuras importantes da literatura brasileira de quem foi grande amiga. Recebeu os mais importantes prêmios brasileiros pelas suas obras de ficção, mas foi sobretudo a partir dos anos 80 que passou a escrever abertamente sobre temas polêmicos. Não eram tanto os temas, mas a forma como os abordava. O pudor, deixou-o de lado, ao escrever **A Obscena Senhora D** ou **O Caderno Rosa de Lora Lamby**. Neste último, uma criança relata-nos por que razão se prostitui de livre vontade, sob a anuência de ambos os pais.



Anaïs Nin

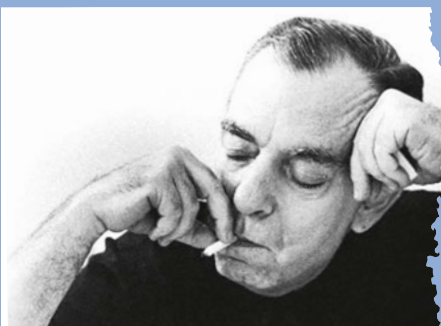
Se se tratasse de um homem, talvez a narrativa fosse diferente, e estas fossem apenas mais algumas historietas a serem contadas com piada à mesa de um café. Porém, tratando-se de uma mulher, aos olhos da sociedade a ousadia torna-se quase sempre pecado e a conversa é outra. De ascendência cubana, dinamarquesa e francesa, Anaïs Nin começou por ser modelo e bailarina. Em 1932 escreve o seu primeiro livro em 16 dias, mas é nos seus diários que a coisa começa a aquecer. Escrito nos anos 40, **Delta de Vénus** foi uma excêntrica encomenda de contos eróticos, a roçar o pornográfico, feita a Anaïs por um "coleccionador" para, citamos, «uso pessoal». Associando poesia e sensualidade, a autora entra num mundo reservado aos homens. Mas vai mais longe. Patriarcado, homossexualidade, incesto, fetiches... temas que não se coíbe de abordar e que a marginalizam aos olhos de uma parte da sociedade. Já se sabe: uma menina não fala destas coisas...



Nelson Rodrigues

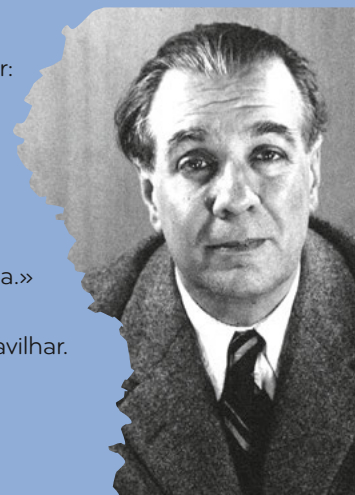
Este é um caso particular de um "escritor maldito". Ninguém sabe bem onde colocar Nelson no espectro político e social. Se, por um lado, ao longo da vida, teve posturas que o aproximaram do fascismo e elogiou

governos autoritários, por outro não tinha nada de conservador, sendo um revolucionário na teoria e muito também na prática. Dos seus livros, podemos esperar tudo. **O Casamento** será talvez o expoente máximo da sua falta de travões, ao autopsiar a sociedade carioca dos anos 30 e 40, ao esventrá-la e pôr cá fora todos os seus fetiches mais indizíveis. O "anjo pornográfico" faz até hoje desmaiar os leitores mais sensíveis, é mal compreendido nos seus arquétipos carregados de camadas e dá que falar de cada vez que alguém se lembra de ler **A Vida Como Ela É**. Da tragédia da vida normal à obsessão com os demónios e com a sexualidade, a obra rodrigueana inspira sérios estudos académicos com o mesmo vigor com que é adaptada à telenovela. Acreditamos que isso o deixaria muito contente.



Jorge Luis Borges

À pessoa deste escritor argentino não se fica indiferente. Muitos o leem e apreciam a sua obra, mas talvez já rareie quem defenda as suas ideias. Ou até quem as entenda. Definiu-se como um "anarquista conservador" e dizia-se afastado da política. Mas as suas ações mostram o contrário. Opositor feroz do nazismo, e até aqui tudo bem, concretizou essa oposição na defesa desastrosa da ditadura argentina que depôs Juan e Evita Perón, segundo ele próximos ao Terceiro Reich. Saudou Videla, com quem almoçou, e Pinochet, a quem prestou uma visita quando já se encontrava bastante debilitado, numa altura em que as suas tiradas começaram a ser consideradas também xenófobas e racistas. No fim, já literalmente cego também, acabou por desabafar: «Não soube administrar a minha vida, então não posso dirigir a vida dos outros. A minha vida foi uma série de equívocos. [...] Quando penso no meu passado sinto vergonha.» Ficamos com a sua obra, cujo fascínio não cessa de nos maravilhar.



5 livros para descobrir onde está a rapariga

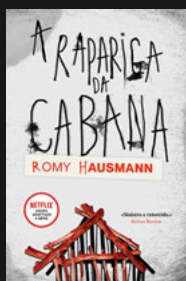
As estatísticas não enganam: as mulheres adoram policiais. E não apenas na sua versão mais cosy, ao estilo do clássico "crime na biblioteca" de Agatha Christie, em que quase não há referências a sangue. A popularidade de *thrillers* mais violentos, com pormenores explícitos de homicídio, violação e tortura, tem vindo a crescer, sobretudo entre o público feminino. Existem diversas teorias para explicar o fenómeno: desde as mulheres, de uma forma geral, simplesmente lerem mais, até ao facto de estas estarem mais conscientes da sua própria vulnerabilidade. As raparigas são educadas pela sociedade para entrarem em modo de alerta quando escutam passos numa rua deserta, por exemplo. E a ficção policial permite-lhes exorcizar medos como este de forma segura: resolver o crime ajuda a apaziguar estes receios. Talvez por isso, parece haver cada vez mais policiais com mulheres como protagonistas, existindo uma verdadeira tendência para ficção do género com a palavra "rapariga" no título. Venha conhecer alguns destes livros e descubra onde está afinal a rapariga!



A Rapariga no Comboio

Paula Hawkins

O mais célebre (e pioneiro) destes livros é sem dúvida o *bestseller* de suspense psicológico **A Rapariga no Comboio**, da britânica Paula Hawkins, que um ano depois do lançamento tinha já vendido mais de 20 milhões de exemplares. Rachel, a protagonista, apanha o mesmo comboio todas as manhãs. Já conhece cada detalhe do caminho de cor, incluindo as casas por onde passa. De certa forma, até sente que conhece as pessoas que moram nessas casas, sobretudo "Jess e Jason" (é assim que ela lhes chama), um casal que, da janela do comboio, parece ter uma vida perfeita. Até ao dia em que, durante o seu trajeto, Rachel vê algo chocante. Dura apenas uma fração de segundo, mas para ela é suficiente. De repente, tudo muda: Rachel tem agora a oportunidade de fazer parte da vida de "Jess e Jason" e de lhes mostrar que é muito mais do que a rapariga no comboio.



2

A Rapariga no Gelo

Robert Bryndza

Esta rapariga tem os olhos abertos e os seus lábios estão afastados, como se a qualquer momento fosse começar a falar. Mas tem as mãos amarradas, foi estrangulada e o seu corpo está debaixo de uma espessa camada de gelo...

E não é a única. Quando o cadáver desta jovem surge num lago em Londres, Erika Foster é chamada para liderar a investigação. E apesar de aparentemente a vítima parecer ter uma vida perfeita, a detetive depressa descobre que a sua morte está ligada ao homicídio de três prostitutas. Que segredos obscuros estarão por trás destas mortes?

A Rapariga que Sonhava com Uma Lata de Gasolina e Um Fósforo

4

Stieg Larsson

A protagonista da série **Millennium**, criada pelo sueco Stieg Larsson, é uma rapariga diferente de todas as outras. Procurada por homicídio, Lisbeth Salander é extremamente inteligente e capaz de hackear qualquer rede. Sempre vestida de preto, com *piercings* e a tatuagem gigante de um dragão nas costas, é uma autêntica *badass*, que faz justiça pelas próprias mãos. O seu comportamento imprevisível fez dela oficialmente um perigo para a sociedade, mas ninguém consegue encontrá-la... A única forma de entrar em contacto com Lisbeth é através do computador – ou lendo todos os livros da série.

As Raparigas que Fui

5

Tess Sharpe

Nora já foi muitas raparigas diferentes: Rebecca, Samantha, Katie, etc. Filha de uma vigarista, aprendeu com a mãe a arte do engano. Até que esta se tornou na vítima de uma das suas próprias burlas, e Nora teve de se desvencilhar sozinha. Fugiu e há cinco anos que tem uma vida normal. Ou melhor, tinha – até agora. Agora, Nora é uma das reféns de um assalto a um banco.

E os ladrões parecem muito perigosos. Mas Nora é mais do que isso: é algo completamente diferente, de que eles nem sequer suspeitam. E quando descobrirem, será tarde de mais.

3

A Rapariga da Cabana

Romy Hausmann

Presa numa cabana sem janelas, isolada na floresta, a vida de Lena segue à risca as regras do seu raptor: desde as refeições às idas ao WC, tudo é rigorosamente controlado por ele. Até que a rapariga consegue fugir – mas o seu pesadelo continua. Se, por um lado, o raptor não desiste de recuperar o que lhe pertence, por outro, há quem não acredite que ela seja a mulher chamada “Lena” que desapareceu sem deixar rasto há 14 anos. A polícia e a sua família tentam desesperadamente montar este quebra-cabeça, mas algo parece não encaixar.

Outras raparigas que tem de conhecer:

A Rapariga do Fim, de Leslie Wolfe

A Rapariga Esquecida, de Karin Slaughter

A Rapariga e a Noite, de Guillaume Musso

Literatura, esse animal a chafurdar:

Irrita-me que se procure na literatura uma resposta, que se veja no virar de uma página um caminho. E irrita-me que se julgue que um escritor é um messias, um profeta da moral, um salvador – um catequista que traz uma lição ou uma mensagem. Quem escreve tem de enterrar as mãos na lama.

Na literatura, procuro sempre a falha. Não me interessa se é a minha ou a dos outros, antes encontrar a frincha na moral, a vergonha de um dissimulado, o buraco negro na paisagem. Gosto de pensar o romance como monstro vivo a estripar entranhas: depois do exercício da escrita, há vísceras, sangue, horror; há a vida sem capacetes, pensos rápidos, folhinhos cor-de-rosa. A literatura, ao nascer, trouxe à vida o que se fingia estar escondido – o que é recalcado aparece no papel escancarado, e o romance é uma retroescavadora a vasculhar no lodo. Leva-se ao terreno literário o que não se pode admitir, explora-se a sensibilidade, a quebra de expectativas. Nisto, pouco será mais humano, mais amplo e mais filho da mãe do que a inveja. Tê-la passa sempre por ter de fingir que não se a tem. É uma coisa muito linda, pois não? Um monstro cheio de fome a rasgar o estômago com os dentes. Está nos primórdios da vida, e da tradição

escrita também.

No **Gênesis**, lá está ele: Caim, que não tinha quase ninguém à volta e escolheu o homem mais próximo para invejar até morrer por dentro. Ora, quem morre por dentro tem a necessidade de matar. Uma espécie de *kill your darlings* levada aos extremos. Um homem matava-se a tentar fazer com que a terra cuspsisse qualquer coisa, e havia um Deus gatuno que lhe deitava a oferta ao lixo. E depois o outro – plácido, calmo – que mais nada fazia para além de passear gado pelos campos, que oferecia um carneiro aceite de bom grado. Nesta situação, claro que o primeiro gajo nem quis saber de que o segundo era irmão dele: foi pegar numa pedra e limpar-lhe o sebo, a ver se se limpava também o sebo que tinha em torno das artérias coronárias. Desta sensação que come, nasceu no imaginário ocidental a Humanidade: o homem, marcado pela inveja que levou ao assassinato, teve de fugir dali, encontrar uma

mulher, fundar povos. Na Bíblia, somos todos filhos do pecado capital da inveja – muito mais incisivo do que comer uma maçã que só servia para enfeitar um jardim. Em meia dúzia de traços, compôs-se uma história inteira, e disse-se tanto disto que é a massa humana: por vezes, a própria falha leva a querer partir o outro. E, perante a História, nem é preciso a explicação: basta ver para o impacto parecer capaz de partir ossos. A tragédia de Caim foi ser humano. E o mesmo se passou com Otelo, seu filho, nosso pai. A vida foi-lhe tão trágica que parecia encravada logo ao nascer. Ali, o monstro a corroer por dentro teve o mesmo

Shakespeare era mesmo, mesmo trágico, Otelo suicidou-se a seguir. Quem nunca? A inveja deu nisto, e ainda por cima de nada. Ora, caída nas asas da literatura, também eu tive esta pulsão: pegar em alguém consumido por um desejo e que se julgasse injustiçado. Foi terrível, admito – e que maravilha foi. Escrever é esta coisa lixada e boa ao mesmo tempo. Desta vez, nem houve um Deus no céu a preferir um irmão nem houve um amante a recluir a existência de outro. O que criei foi outra coisa: um homem que, pese embora a forma como o álcool o corroía e transformava, achava que o que o afastava

a inveja como pão que alimenta o texto

Por Ana Bárbara Pedrosa

efeito que com Caim – comeu tanta coisa de um peito descarnado que lhe pôs nas mãos um crime irreversível. Depois de matar por ciúmes Desdémoma, sua esposa, já não havia nada que o safasse. Para tanta dor duradoura, estrangulamento tão veloz. Criara-se ali um diz-que-disse, e Otelo vira Desdémoma na cama. Acusara-a de traição, mas de que vale uma negação para quem acusa? Um cego, bem se sabe, é incapaz de ver, e não há sentimento carniceiro que acalme à mansidão da voz. Que ela negasse a acusação de Otelo enfureceu-o, e a fúria meteu as mãos num pescoço inocente. Ora, quando Otelo se apercebeu do erro, já a irreversibilidade era como uma bola de aço a bater-lhe na cabeça. Portanto, só porque

do amor dos irmãos e da mãe era a mulher que ele, volta e meia, espancava forte e feio. Este é o Manel de **Amor Estragado**, a mais infame das minhas personagens – a mais divertida também. Admito que, ao fazê-lo, no sossego de um escritório ou de uma biblioteca, me senti poluída por aquela inveja. Ora, alguém que escreve, ao sentir a mão viscosa do que vem do texto, voa com a vitória – se a sensação existe, é porque a vida é mesmo assim. Da literatura, um leitor exigente não pode aceitar mantras nem pode aceitar o desrespeito de um autor que vem com uma mensagem declarada. A escrita é um movimento exploratório, não uma explicação do mundo a ser dada de mão beijada. E é assim que faz com que as mãos pareçam coisas que nem servem para agarrar. Não tem de servir para nada, muito menos para catequizar. Não tem de apontar um caminho. Só se não sujar as mãos é que é inútil.



8 MILHÕES DE LIVROS
EM INGLÊS E ESPANHOL
portes grátis*



WOOK PROCURAS A WOOK TEM

*consulte as condições em wook.pt

Cartoon

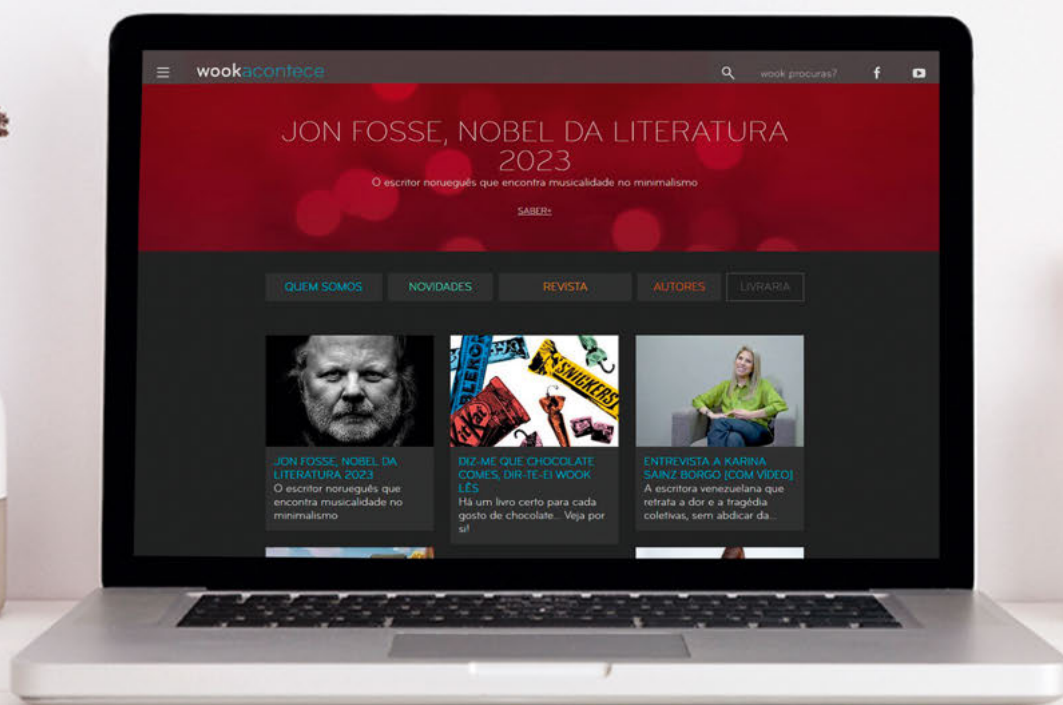
Dilemas queirosianos



Nobel (óbvio) da Literatura



O blogue literário da **WOOK**



wookacontece.pt

wook®



Subscreva a nossa *newsletter*